

OS LUSÍADAS

VIII

- 1 NA primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada.
Quem era e por que causa lhe convinha
A divisa que tem na mão tomada?
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sábio lhe interpreta:
- 2 – «Estas figuras todas que aparecem,
Bravos em vista e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos.
Antigos são, mas inda resplandecem
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.
Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino «Lusitânia» chama.
- 3 «Foi filho e companheiro do Tebano
Que tão diversas partes conquistou;
Parece vindo ter ao ninho Hispano
Seguindo as armas, que contino usou.
Do Douro, Guadiana o campo ufano,
Já dito Elísio, tanto o contentou
Que ali quis dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

OS LUSÍADAS

- 4 «O ramo que lhe vês, pera divisa,
O verde tirso foi, de Baco usado;
O qual à nossa idade amostra e avisa
Que foi seu companheiro e filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpétuos edifica,
E templo a Palas, que em memória fica?
- 5 «Ulisses é, o que faz a santa casa
À Deusa que lhe dá língua facunda;
Que se lá na Ásia Tróia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.»
– «Quem será estoutro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Águias nas bandeiras tem pintadas!»
- 6 Assi o Gentio diz. Responde o Gama:
– «Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais que no cajado;
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencível, afamado.
Não tem com ele, não, nem ter puderam,
O primor que com Pirro já tiveram.
- 7 «Com força, não; com manha vergonhosa
A vida lhe tiraram, que os espanta;
Que o grande aperto, em gente inda que honrosa,
Às vezes leis magnânimas quebranta.
Outro está aqui que, contra a pátria irosa,
Degradado, connosco se alevanta;
Escolheu bem com quem se alevantasse
Pera que eternamente se ilustrasse.

OS LUSÍADAS

- 8 Vês, connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tão sutis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tão fingidas:
A fatídica cerva que o avisa.
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.
- 9 «Olha estoutra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros:
Nós Húngaro o fazemos, porém nado
Crêm ser em Lotaríngia os estrangeiros.
Depois de ter, cos Mouros, superado
Galegos e Lioneses cavaleiros,
À Casa Santa passa o santo Henrique,
Por que o tronco dos Reis se santifique.»
- 10 – «Quem é, me dize, estoutro que me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado),
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destruçado?
Tantos muros aspérrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem, por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes?»
- 11 – «Este é o primeiro Afonso (disse o Gama),
Que todo Portugal aos Mouros toma;
Por quem no Estígio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.
Este é aquele zeloso a quem Deus ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

OS LUSÍADAS

- 12 «Se César, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos quantos eram
Os que desbaratava este excelente,
Não creias que seus nomes se estenderam
Com glórias imortais tão largamente;
Mas deixa os feitos seus inexplicáveis,
Vê que os de seus vassallos são notáveis.
- 13 «Este que vês olhar, com gesto irado,
Pera o rompido aluno mal sofrido,
Dizendo-lhe que o exército espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
Torna o Moço, do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido:
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leais vassallos claro espelho.
- 14 «Vê-lo cá vai cos filhos a entregar-se,
A corda ao colo, nu de seda e pano,
Porque não quis o Moço sujeitar-se,
Como ele prometera, ao Castelhana.
Fez com siso e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano.
Os filhos e mulher obriga à pena:
Pera que o senhor salve, a si condena.
- 15 «Não fez o Cônsul tanto que cercado
Foi nas Forcas Caudinas, de ignorante,
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Samnítico jugo triunfante.
Este, pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Estoutro a si e os filhos naturais
E a consorte sem culpa, que dói mais.

OS LUSÍADAS

- 16 «Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?
Já o Rei tem preso e a vila descercada;
Ilustre feito, dino de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória:
- 17 É Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeu junto da serra
De Ábila, nas galés da Maura gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente.
Das mãos dos Mouros entra a felice alma,
Triunfando nos Céus, com justa palma.
- 18 «Não vês um ajuntamento, de estrangeiro
Trajo, sair da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando santa prova?
Olha Henrique, famoso cavaleiro,
A palma que lhe nasce junto à cova.
Por eles mostra Deus milagre visto;
Germanos são os Mártires de Cristo.
- 19 «Um Sacerdote vê, brandindo a espada
Contra Arronches, que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
É Teotónio Prior. Mas vê cercada
Santarém, e verás a segurança
Da figura nos muros que, primeira
Subindo, ergueu das Quinas a bandeira.

OS LUSÍADAS

- 20 «Vê-lo cá, donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandália em fera guerra;
Os imigos rompendo, o alferes mata
E Hispálico pendão derriba em terra:
Mem Moniz é, que em si o valor retrata
Que o sepulcro do pai cos ossos cerra.
Dino destas bandeiras, pois sem falta
A contrária derriba e a sua exalta.
- 21 «Olha aquele que dece pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade, por manhas e ousadias.
Ela por armas toma a semelhança
Do cavaleiro que as cabeças frias
Na mão levava (feito nunca feito!):
Giraldo Sem Pavor é o forte peito.
- 22 «Não vês um Castelhana, que, agravado
De Afonso nono, Rei, pelo ódio antigo
Dos de Lara, cos Mouros é deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes vila toma, acompanhado
Dos duros Inficéis que traz consigo;
Mas vê que um Português com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.
- 23 «Martim Lopes se chama o cavaleiro
Que destes levar pode a palma e o louro.
Mas olha um Eclesiástico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro.
Vê-lo, entre os duvidosos, tão inteiro
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o sinal no Céu, que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

OS LUSÍADAS

- 24 «Vês, vão os Reis de Córdova e Sevilha
Rotos, cos outros dous, e não de espaço;
Rotos? Mas antes mortos: maravilha
Feita de Deus, que não de humano braço.
Vês? Já a vila de Alcácere se humilha,
Sem lhe valer defesa ou muro de aço,
A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.
- 25 «Olha um Mestre que dece de Castela,
Português de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nela
Não acha que por armas lhe resista.
Com manha, esforço e com benigna estrela,
Vilas, castelos, toma à escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores?
- 26 «Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
Silves, que ele ganhou com força ingente:
É Dom Paio Correia, cuja manha
E grande esforço faz enveja à gente.
Mas não passes os três que em França e Espanha
Se fazem conhecer perpétuamente
Em desafios, justas e torneús,
Nelas deixando públicos troféus.
- 27 «Vê-los co nome vêm de aventureiros
A Castela, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavaleiros
Que o principal dos três desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomeia,
Que pode não temer a lei Leteia.

OS LUSÍADAS

- 28 «Atenta num que a fama tanto estende
Que de nenhum passado se contenta;
Que a Pátria, que de um fraco fio pende,
Sobre seus duros ombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança, inerte e lenta,
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?
- 29 «Olha: por seu conselho e ousadia,
De Deus guiada só e de santa estrela,
Só, pode o que impossível parecia:
Vencer o povo ingente de Castela,
Vês, por indústria, esforço e valentia,
Outro estrago e vitória, clara e bela,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteso e Guadiana habita?
- 30 «Mas não vês quási já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausência
Do Capitão devoto, que, apartado,
Orando invoca a suma e trina Essência?
Vê-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistência
Contra poder tamanho, e que viesse
Por que consigo esforço aos fracos desse.
- 31 «Mas olha com que santa confiança,
Que «inda não era tempo» respondia,
Como quem tinha em Deus a segurança
Da vitória que logo lhe daria.
Assi Pompílio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
«Pois eu (responde) estou sacrificando.»

OS LUSÍADAS

- 32 «Se quem com tanto esforço em Deus se atreve
Ouvir quiseres como se nomeia,
«Português Cipião» chamar-se deve;
Mas mais de «Dom Nuno Álvares» se arreia.
Ditosa pátria que tal filho teve!
Mas antes, pai! que, enquanto o Sol rodeia
Este globo de Ceres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.
- 33 «Na mesma guerra vê que presas ganha
Estoutro Capitão de pouca gente;
Comendadores vence e o gado apanha
Que levavam roubado ousadamente;
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar, co amor ardente,
O preso amigo, preso por leal:
Pero Rodrigues é do Landroal.
- 34 «Olha este desleal e como paga
O perjúrio que fez e vil engano;
Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga
E faz vir a passar o último dano:
De Xerez rouba o campo e quási alaga
Co sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que co rosto
Faz escudo às galés, diante posto.
- 35 «Olha que dezessete Lusitanos,
Neste outeiro subidos, se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor, pelos tomar, se estendem;
Porém logo sentiram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas ofendem.
Dino feito de ser, no mundo, eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno!

OS LUSÍADAS

- 36 «Sabe-se antigamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se ilustraram,
E deles alcançando vencimentos
Memoráveis, de herança nos deixaram
Que os muitos, por ser poucos, não temamos;
O que depois mil vezes amostramos.
- 37 «Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progénie generosa de Joane;
Aquele faz que fama ilustre fique
Dele em Germânia, com que a morte engane;
Este, que ela nos mares o pubrique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.
- 38 «Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria.
Vês, outro Conde está, que representa
Em terra Marte, em forças e ousadia;
De poder defender se não contenta
Alcácere, da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.
- 39 «Outros muitos verias, que os pintores
Aqui também por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores:
Honra, prémio, favor, que as artes criam.
Culpa dos viciosos sucessores,
Que degeneram, certo, e se desviam
Do lustre e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

OS LUSÍADAS

- 40 «Aqueles pais ilustres que já deram
Princípio à geração que deles pende,
Pela virtude muito antão fizeram
E por deixar a casa que descende.
Cegos, que, dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama e rumor deles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores!
- 41 «Outros também há grandes e abastados,
Sem nenhum tronco ilustre donde venham:
Culpa de Reis, que às vezes a privados
Dão mais que a mil que esforço e saber tenham.
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não convenham,
E, como a seu contraíro natural,
À pintura que fala querem mal.
- 42 «Não nego que há, contudo, descendentes
Do generoso tronco e casa rica,
Que, com costumes altos e excelentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica;
E se a luz dos antigos seus parentes
Neles mais o valor não clarifica,
Não falta, ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.»
- 43 Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que ali mostra a vária tinta
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artífice ali pinta.
Os olhos tinha prontos e direitos
O Catual na história bem distinta;
Mil vezes perguntava e mil ouvia
As gostosas batalhas que ali via.

OS LUSÍADAS

- 44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alâmpada grande se escondia
Debaxo do Horizonte e, luminosa,
Levava aos Antípodas o dia,
Quando o Gentio e a gente generosa
Dos Naires da nau forte se partia,
A buscar o repouso que descansa
Os lassos animais, na noite mansa.
- 45 Entretanto, os arúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrifícios
Antevêm sempre os casos duvidosos
Por sinais diabólicos e indícios,
Mandados do Rei próprio, estudiosos,
Exercitavam a arte e seus ofícios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que às suas terras vem da ignota Espanha.
- 46 Sinal lhe mostra o Demo, verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpétuo, eterno cativo,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o atónito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das vítimas que oulhará.
- 47 A isto mais se ajunta que um devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos ódios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em forma do Profeta falso e noto
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus ódios inda se não dece.

OS LUSÍADAS

- 48 E diz-lhe assi: – «Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas águas húmidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo!»
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho; mas consigo
Cuida que não é mais que sonho usado;
Torna a dormir, quieto e sossegado.
- 49 Torna Baco dizendo: – «Não conheces
O grão legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual fôreis muitos baptizados?
Eu por tí, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois saberás que aqueles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da Lei que eu dei ao néscio povo humano.
- 50 «Enquanto é fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sai, fâcilmente
Se pode nele pôr a aguda vista;
Porém, despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raízes criar lhe não tolheis.»
- 51 Isto dito, ele e o sono se despede.
Tremendo fica o atónito Agareno;
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nele o férvido veneno.
Tanto que a nova luz que ao Sol precede
Mostrara rosto angélico e sereno,
Convoca os principais da torpe seita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

OS LUSÍADAS

- 52 Diversos pareceres e contrários
Ali se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traições, enganos vários,
Perfídias, inventavam e teciam;
Mas, deixando conselhos temerários,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais sutis e ardis milhores,
Com peitas adquirindo os regedores.
- 53 Com peitas, ouro e dádivas secretas
Conciliam da terra os principais;
E com razões notáveis e discretas
Mostram ser perdição dos naturais,
Dizendo que são gentes inquietas,
Que, os mares discorrendo Ocidentais,
Vivem só de piráticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou divinas.
- 54 Oh, quanto deve o Rei que bem governa
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciência e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negócios ter notícia mais inteira
Do que lhe der a língua conselheira.
- 55 Nem tão-pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciência limpa e certa,
Que se enleve num pobre e humilde manto,
Onde ambição acaso ande encoberta.
E, quando um bom em tudo é justo e santo,
E em negócios do mundo pouco acerta;
Que mal co eles poderá ter conta
A quieta inocência, em só Deus pronta.

OS LUSÍADAS

- 56 Mas aqueles avaros Catuais
Que o Gentílico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Português despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo que deixava descoberto,
- 57 Nisto trabalha só; que bem sabia
Que depois, que levasse esta certeza,
Armas e naus e gentes mandaria
Manuel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e Lei someteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente.
- 58 Falar ao Rei gentio determina,
Por que com seu despacho se tornasse,
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da notícia falsa e indina
Não era de espantar se s' espantasse,
Que tão crédulo era em seus agouros,
E mais sendo afirmados pelos Mouros,
- 59 Este temor lhe esfria o baixo peito.
Por outra parte, a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Um desejo imortal lhe acende e atia:
Que bem vê que grandíssimo proveito
Fará, se, com verdade e com justiça,
O contrato fizer, por longos anos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

OS LUSÍADAS

- 60 Sobre isto, nos conselhos que tomava,
Achava mui contrários pareceres;
Que naqueles com quem se aconselhava
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse: – «Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.
- 61 «Eu sou bem informado que a embaxada
Que de teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida.
Que quem da Hespéria última alongada,
Rei ou senhor de insânia desmedida,
Há-de vir cometer, com naus e frotas,
Tão incertas viagens e remotas?
- 62 «E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a Régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incógnita verdade?
Com peças e dões altos, sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que sinal nem penhor não é bastante
As palavras dum vago navegante.
- 63 «Se porventura vindes desterrados,
Como já foram homens d' alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra é pátria pera o forte;
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infâmia ou morte,
Que, por se sustentar, em toda idade
Tudo faz a vital necessidade.»

OS LUSÍADAS

- 64 Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insídias que ordenava
O Mahomético ódio, donde vinha
Aquilo que tão mal o Rei cuidava,
Cũa alta confiança, que convinha,
Com que seguro crédito alcançava,
Que Vénus Acidália lhe influía,
Tais palavras do sábio peito abria:
- 65 – «Se os antigos delitos que a malícia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da nequícia,
Açoute tão cruel da Cristandade,
Viera pôr perpétua inimicícia
Na geração de Adão, co a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.
- 66 «Mas, porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário que acharias
Se não cresses a quem não crer devias.
- 67 «Porque, se eu de rapinas só vivesse,
Undívago ou da pátria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incógnito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os Antárticos frios e os ardores
Que sofrem do Carneiro os moradores?

OS LUSÍADAS

- 68 «Se com grandes presentes d' alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas, se a Fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico.
- 69 «Se te parece inopinado feito
Que Rei da última Hespéria a ti me mande,
O coração sublime, o régio peito,
Nenhum caso possível tem por grande.
Bem parece que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espírito demande
Maior crédito e fé de mais alteza,
Que creia dele tanta fortaleza.
- 70 «Sabe que há muitos anos que os antigos
Reis nossos firmemente propuseram
De vencer os trabalhos e perigos
Que sempre às grandes cousas se opuseram;
E, descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.
- 71 «Conceito dino foi do ramo claro
Do venturoso Rei que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro;
Este, por sua indústria e engenho raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte que faz clara
De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara.

OS LUSÍADAS

- 72 «Crescendo cos sucessos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram,
Pouco e pouco, caminhos estrangeiros,
Que, uns sucedendo aos outros, prosseguiram.
De África os moradores derradeiros
Austrais, que nunca as Sete Flamas viram,
Foram vistos de nós, atrás deixando
Quantos estão os Trópicos queimando.
- 73 «Assi, com firme peito e com tamanho
Propósito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a última coluna.
Rompendo a força do líquido estanho,
Da tempestade horrífica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal que ao nosso Rei de ti levemos.
- 74 «Esta e a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco prémio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proémio;
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero grémio
Da madre Tétis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.
- 75 «Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tomada;
E, se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro júízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade d' entender-se.»

OS LUSÍADAS

- 76 A tento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe dele certa confiança,
Crédito firme, em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal julgados.
- 77 Juntamente, a cobiça do proveito
Que espera do contrato Lusitano
O faz obedecer e ter respeito
Co Capitão, e não co Mauro engano.
Enfim ao Gama manda que direito
Às naus se vá e, seguro dalgum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda
Que pela especiaria troque e venda.
- 78 Que mande da fazenda, enfim, lhe manda
Que nos Reinos Gangéticos faleça,
S'algũa traz idónea lá da banda
Donde a terra se acaba e o mar começa.
Já da real presença veneranda
Se parte o Capitão, pera onde peça
Ao Catual que dele tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.
- 79 Embarcação que o leve às naus lhe pede,
Mas o mau Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços.
Co ele parte ao cais, por que o arrede
Longe quanto puder dos régios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha notícia,
Faça o que lhe ensinar sua malícia.

OS LUSÍADAS

- 80 Lá bem longe lhe diz que lhe daria
Embarcação bastante em que partisse,
Ou que pera a luz crástina do dia
Futuro, sua partida diferisse.
Já com tantas tardanças entendia
O Gama que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que dele até' li não entendera.
- 81 Era este Catual um dos que estavam
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente.
Dele sòmente os Mouros esperavam
Efeito a seus enganos torpemente;
Ele, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.
- 82 O Gama com instância lhe requer
Que o mande pôr nas naus, e não lhe val;
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre sucessor de Perimal.
Por que razão lhe impede e lhe difere
A fazenda trazer de Portugal?
Pois aquilo que os Reis já têm mandado
Não pode ser por outrem derogado.
- 83 Pouco obedece o Catual corruto
A tais palavras; antes, revolvendo
Na fantasia algum sutil e astuto
Engano diabólico e estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido, estava vendo,
Ou como as naus em fogo lhe abrasasse,
Por que nenhũa à pátria mais tornasse.

OS LUSÍADAS

- 84 Que nenhum torne à pátria só pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Por que não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama, enfim, que lho defende
O Regedor dos Bárbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.
- 85 Aos brados e razões do Capitão
Responde o Idolátra, que mandasse
Chegar à terra as naus, que longe estão,
Por que melhor dali fosse e tornasse.
– «Sinal é de inimigo e de ladrão
Que lá tão longe a frota se alargasse,
(Lhe diz), porque do certo e fido amigo
É não temer do seu nenhum perigo.»
- 86 Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem que as naus deseja perto
O Catual, por que com ferro e flama
Lhas assalte, por ódio descoberto.
Em vários pensamentos se derrama;
Fantasiando está remédio certo
Que desse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo, enfim, cuidava.
- 87 Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço ou de cristal fermoso,
Que, do raio solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte, luminoso,
E, sendo da ouciosa mão movido,
Pela casa, do moço curioso,
Anda pelas paredes e telhado
Trémulo, aqui e ali, e dessorsegado:

OS LUSÍADAS

- 88 Tal o vago juízo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por acaso o esperava
Na praia cos batéis, como ordenara.
Logo secretamente lhe mandava
Que se tornasse à frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganos
Que esperava dos feros Maumetasos.
- 89 Tal há-de ser quem quer, co dom de Marte,
Imitar os Ilustres e igualá-los:
Voar co pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evitá-los,
Com militar engenho e sutil arte,
Entender os imigos e enganá-los,
Crer tudo, enfim; que nunca louvarei
O capitão que diga: «Não cuidei.»
- 90 Insiste o Malabar em tê-lo preso
Se não manda chegar a terra a armada;
Ele, constante e de ira nobre aceso,
Os ameaços seus não teme nada;
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malícia ousada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.
- 91 Aquela noite esteve ali detido
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda que tinha, não pequena.
Comete-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo ou pena
Se sabe esta malícia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.

OS LUSÍADAS

- 92 Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível que trazia, pera a terra,
Pera que, devagar, se troque e venda;
Que, quem não quer comércio, busca guerra.
Posto que os maus propósitos entenda
O Gama, que o danado peito encerra
Consente, porque sabe por verdade
Que compra co a fazenda a liberdade.
- 93 Concertam-se que o Negro mande dar
Embarcações idóneas com que venha;
Que os seus batéis não quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana que convenha;
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse.
- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual;
Co ela ficam Álvaro e Diogo,
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o prémio pode e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.
- 95 Por ela o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha
Se o Capitão mais tempo detivesse,
Ele, vendo que já lhe não convinha
Tornar a terra, por que não pudesse
Ser mais retido, sendo às naus chegado
Nelas estar se deixa descansado.

OS LUSÍADAS

- 96 Nas naus estar se deixa, vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor, corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.
- 97 A Polidoro mata o Rei Treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha de Acriso a chuva d' ouro;
Pode tanto em Tarpeia avaro vício
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quási afogada em pago morre.
- 98 Este rende munidas fortalezas;
Faz trédores e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências.
- 99 Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis.
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor, contudo, de virtude!

OS LUSÍADAS

NOTAS

1.1-8

“Na primeira figura se detinha / O Catural ...”: essa primeira figura é *LUSO*, de que o Poeta volta a tratar nas est. 2 a 4. Para o conhecimento da evolução das relações de *LUSO* com *BACO* v. I.39.3-4, III.21 e VIII.3.1; “Que por divisa um ramo na mão tinha”: era o tirso de *BACO*; “A divisa que tem na mão tomada?”: concordância em género e número do participio com o complemento directo; “O Mauritano sábio ...”: Monçaide.

2.2-7

“*Bravos* em vista e *feros* nos aspetos”: em vez de concordar com *figuras*, estes atributos concordam com os indivíduos que o Poeta tinha na mente tratar; “... donde a Fama”: de quem a Fama.
Ort.: *aspeitos* (por *aspectos*).

3.1

“Foi filho e companheiro do Tebano”: Plínio dissera “*lusum enim Liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae*” (*NH*, liv. III, 8). Resende, depois de transcrever o trecho de Plínio (nota 24 ao liv. II de *Vincentius*), acrescenta: “*Quorum verborum hic est sensus. Lusum Liberi Patris filium, non autem socium, ut quidam contra loquendi usum interpretantur, una cum Lysa nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse. Filium vero debere intelligi, ostendunt illa. Deiphobe Glauci, Aiex Oilei, & in sacris, Alexander Philippi. Igitur tam a Luso, quam á Lysia, regio nomen adcepit. Et a Luso quidem, Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania.*” FC escreveu “filho, ou companheiro” para harmonizar com o que o Poeta escreveu em I.39.3-4 e VI.30.2.

3.5

“Do Douro, Guadiana o campo ufano”: “De Douro, Guadiana”, um assíndeto que não teve o acordo de todos os editores e que desde 1669 escrevem “Douro e Guadiana”. FC e outros seguiram este critério errado porque do assíndeto há numerosos exemplos em

OS LUSÍADAS

prosa e verso. JMR, no entanto, lê “Do Dourò Guadiana” (*BCL*, 13, pp. 689 e 690).

3.6-8

“Já dito Elísio ...”: isto não tem nada que ver com os “doces campos Elísios”, onde está *Anquises* e que *Eneias* visita no Canto VI, acompanhado da *Sibila*. JMR, em *BCL*, p. 689, nota 1, e *LP*, vol. II, p. 171, diz que “*Elísio* por *Lísio* é uma das desastradas emendas feitas no manuscrito de *Os Lusíadas*”. Parece mais natural ser “campo lísio”, da Lusitânia; “Que ali quis dar ...”: aproximar este verso e o seguinte do princípio do Canto VII da *Eneida*.

4.4-8

“Que foi seu companheiro e filho amado”: FC não se conformou e escreveu: “Que foi seu companheiro, ou filho amado”; “Vês *outro*, ...”: é *Ulisses*, lendário fundador de Lisboa; “E templo a Palas, que em memória fica?”: Na nota 45 ao livro II de *Vincentius* diz: “De templo vero Palladis, Strab. lib. 3. *Superiora regionis montanae loca Olysseiam ostentant, in qua est Minervae templum*”

5.1-8

“Ulisses é, o que faz a santa casa / A Deusa ...”: confirma os versos da estância anterior; “Quem será estoutro cá, que o campo arrasa”: é Viriato, de quem trata nas duas estâncias seguintes e de quem já falou em 1.26.3-4; “Grandes *batalhas* tem *desbaratadas*”: *batalhas* aqui tem a significação de corpos de exército. *Desbaratadas* a concordar com o complemento directo; “*Que* as Águias nas bandeiras tem pintadas!”: *que*, conjunção conclusiva – *pois*. As águias pintadas nas bandeiras é versão do Poeta. As águias eram de metal e fixavam-se na ponta de compridas hastes.

6.4-8

“Destro na lança mais que no cajado”: caudilho dos Lusitanos e pastor; “O primor que com Pirro já tiveram”: Caio Fabrício, cônsul romano, em guerra com Pirro, rei do Epiro, recebeu a visita de um enviado do médico de Pirro, que se dispunha a envenenar o seu rei se tivesse uma recompensa. Fabrício escreveu ao rei, a preveni-lo (Plutarco, *Pyrrus*, XX).
Ort.: *invencível* (por *invencível*).

OS LUSÍADAS

7.1-5

“Com força, não; com manha vergonhosa”: v.I.26.2-4. “Outro está aqui ...”: Sertório (v. I.26.6-8 e IV.33.1).

8.2

“Dessas aves de Júpiter validas”: são ainda as águias romanas.
Ort.: *sutis* (por *subtis*).

9.1

“Olha estoutra bandeira ...”: o conde D. Henrique, de que trata o Poeta em III.25-28. Diz o Poeta em III.25.1-2: “... dizem que segundo / Filho de um Rei de Ungria ...”, e em III.28.2 é mais afirmativo: “O forte e famoso Ungaro estremado”. Em VIII.9 diz, porém, o Poeta: “Nós Húngaro o fazemos, porém nado / Crêm ser em *Lotaríngia* os estrangeiros.” Na nota 24 do liv. II de *Vincentius* escreve Resende: “Nostri historici Pannoniae [Hungria] regis filium fuisse dicunt, Hispani Lotharingum faciunt.” (Cf. III.25.1-2.)
Lotaríngia é a Lorena.

9.5

“Depois de ter, cos Mouros, superado / Galegos e Lioneses ...”: diz ED: “Camões coloca depois das guerras com os Leoneses a ida do conde à Terra Santa”. Não me parece ser essa a interpretação. O sentido deve ser: “depois de ter, nas guerras cos Mouros, superado Galegos e Leoneses”, isto é, depois de ter excedido nas guerras com os Mouros os feitos de Galegos e Leoneses. Dos Leoneses já o Poeta tinha dito em IV.8.7-8: “que haviam sido nas armas excelentes com os Mouros”. Mas os Portugueses tinham sido melhores do que eles (v. MM e FC).

9.7

“À Santa Casa passa ...”: à Terra Santa.

10.1

“Quem é, me dize, estoutro que me espanta”: D. Afonso Henriques, de quem se ocupou o Poeta no Canto III, est. 28 a 84.

Ort.: *dize* (por *diç*).

11.1-3

“Este é o primeiro Afonso ... / Que todo Portugal aos Mouros

OS LUSÍADAS

toma”: todo o Portugal, sem o Algarve; “Por quem no Estígio lago jura a Fama”: é o rio dos Infernos, por quem juravam os deuses.

11.6-8

“Com cujo braço o Mouro imigo doma, / Pera quem de seu Reino abaxa os muros, / Nada deixando já pera os futuros”: estes versos não são de fácil interpretação. O sujeito da oração “Com cujo braço o Mouro imigo doma” é “Deus” e *cuj* refere-se a “Afonso”. Ora quem “doma o Mouro imigo” também é logicamente quem arrasa (“abaxa”) os muros, isto é, as povoações fortificadas ... de seu Reino (deles Mouros): logo “Deus” é o sujeito de “abaxa”. Finalmente quem “doma” e “abaxa” é indubitavelmente quem nada deixa aos futuros reis para conquistar. Logo “Deus” é o sujeito do gerúndio “deixando” (v. ARM, *Passos*).

Ort.: *imigo* (por *inimigo*); *abaxa* (por *abaixa*).

12.1-5

“Se César, se *Alexandre* Rei, *tiveram*”: recordados de novo como em V.95.2. *Tiveram*, em vez de *tivessem*; “Não creias que seus nomes se estenderam”: se estenderiam.

Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

13-1-2

“Este que vês olhar ...”: Egas Moniz. A este consagrou o Poeta as est. 35 a 40 do Canto III; “Pera o rompido aluno ...”: Egas Moniz, aio de D. Afonso. *Aluno* é latinismo. *Rompido* tem o mesmo sentido de em “*Rompem-se* aqui dos nossos os primeiros” (IV.34.1).

14.2

“A corda ao colo, nu de seda e pano”: interpreta ED “nu de panos de seda”. Seria possível, dentro do estilo do Poeta. Deve, porém, notar-se que em III.38.3 já o Poeta dissera: “Descalços e despídos”. Aqui não pode haver outra interpretação. Egas Moniz, sua mulher e filhos apresentaram-se com a alva dos condenados e de corda ao pescoço.

15.1

“Não fez o Cônsul tanto ...”: é o episódio pouco honroso para as armas romanas de terem de passar debaixo do *jugo* num desfiladeiro (*furculas Caudinas*), junto a *Caudium*, por imposição das forças

OS LUSÍADAS

samnitas (321 a. C.). Os cônsules que tiveram de se submeter ao *jugo* foram Titus Veturius Calvinus e Spurius Postumius Albinus (T. Lívio, IX.1-10). E pelo *jugo* tiveram de passar os cônsules, seus subordinados e as várias legiões.
Ort.: *baxo* (por *baixo*).

16.1-6

“Vês *este* que, *saindo da cilada ...*”: *este* é D. Fuas Roupinho. Feitos entretecidos de lendas, mas aos quais Duarte Galvão consagra os caps. LIV, LV e LVI, aproveitados pelo Poeta. *Saindo da cilada*, da cilada armada por ele aos Mouros; “Dá sobre o Rei que cerca a vila forte?": Porto de Mós; “No mar também aos Mouros dando a morte?": seria um recontro com as galés dos Mouros junto do cabo Espichel.

17.3-4

“Co fogo que acendeu junto da serra / De Ábila ...”: depois de correr a costa do Algarve, sem resultado, o almirante D. Fuas foi por duas vezes a Ceuta aprisionar navios mouros, mas da segunda vez morreu lá, no ano de 1182, segundo AB, *CAH*, cap. LXXXVIII.
Ort.: *felice* (por *feliz*).

18.1-8

“Não vês um ajuntamento, de estrangeira / Trajo, ...”: é uma armada de cruzados (2.^a Cruzada), de que já se ocupou o Poeta em III.57-60; “Olha Henrique, famoso cavaleiro”: cavaleiro alemão, de nome Henrique, que morreu no cerco de Lisboa e de que se contaram vários milagres (v. Duarte Galvão, cap. XXXVI); “A palma que lhe nasce junto à cova”: da palmeira que enverdeceu na cova de Henrique fala Duarte Galvão no cap. XXXVIII; “Por eles mostra Deus milagre visto / Germanos são os Mártires de Cristo”: para se entenderem estes dois versos é preciso ler o final do cap. XXXVIII de Duarte Galvão, onde diz: “Por estes milages e outros que nosso Senhor aprouve fazer pelos seus Santos Mártires que ali morreram, tinha el-Rei neles mui grande devação ...”

19.1-8

“Um Sacerdote vê, brandindo a espada”: é S. Teotónio, prior de Santa Cruz de Coimbra. Referira-se à sua intervenção, sem o nomear, em III.55; “... e verás a segurança / Da figura nos muros

OS LUSÍADAS

que, primeira / Subindo, ergueu das Quinas a bandeira”: Mem Moniz.

20.1-6

“Vê-lo cá, donde Sancho desbarata / Os Mouros de Vandália ...”: refere-se ainda a Mem Moniz. À algarada de D. Sancho na Andaluzia já se tinha referido o Poeta em III.75. Mem Moniz teria abatido o pendão real dos Mouros e o alferes que levava o “hispálico pendão”, isto é, o pendão de Sevilha; “... que em si o valor retrata / Que o sepulcro do pai cos ossos cerra”: de outro modo: reproduz-se no filho o valor do pai. Mas parece que este citado Mem Moniz não era filho de Egas Moniz. Assim o sustenta AB em *CH*, cap. 21. O Poeta deve ter suposto que sim.

21.1-4

“Olha aquele que dece pela lança”: é Giraldo Sem-Pavor, a quem já se referiu em III.63. O Poeta fá-lo descer por fora da torre; “Com as duas cabeças dos vigias”: estavam de atalaia na Torre de S. Bento (próximo da cidade de Évora) um mouro e uma filha sua, que estava naquele momento de vigia. Atirou a filha da torre abaixo e degolou o mouro, que dormia. Degolando a filha em baixo, tomou-se com as duas cabeças aos companheiros e depois continuou a acção que levou à conquista da cidade, em 1166; “Onde a cilada esconde, ...”: Giraldo armou a sua cilada por detrás do outeiro da Torre de S. Bento. Daí saíram os companheiros com Giraldo para o resto da empresa (v. André de Resende, *Historia da Antiquidade da Cidade de Evora*, cap. XIV, 3.^a ed., Lisboa, 1783); “... com que alcança / A cidade, *por manhas e ousadias*”: por ardis e atrevimentos. Com efeito, subidos à torre, fizeram durante a madrugada um fogo para a outra atalaia da cidade, como a indicar que andavam cristãos no campo. E de facto fizeram essa simulação – o que bastou para os mouros da cidade virem em sua perseguição, deixando as portas da cidade abertas.

Ort.: *dece* (por *desce*).

22.1-8

“Não vês um Castelhana, ...”: D. Pedro Fernandes de Castro, considerando-se maltratado pelo rei de Castela, D. Afonso IX, por causa dos condes de Lara, bandeou-se com os Mouros; e, tomando também Portugal por objecto da sua inimizade, veio com os Mouros tomar Abrantes, levando muitos cativos cristãos e grande despojo.

OS LUSÍADAS

Saiu-lhe ao encontro o cavaleiro português Martim Lopes, que os desbaratou e prendeu D. Pedro Fernandes de Castro. A fonte é Rui de Pina, *Cr. de D. Sancho I*, cap. 12 (v. JMR, *FL*, pp. 107 e 108).

23.3-8

“Mas olha um Eclesiástico guerreiro”: não foi D. Mateus que tomou Alcácer do Sal, como diz o Poeta na estância seguinte, mas D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa, que estava sitiando Alcácer, e aceitou a batalha que lhe pôs um grande exército de mouros, saindo vencedor. O equívoco vem da fonte utilizada – *Cr. de D. Afonso II*, de Rui de Pina (cf. JMR, *FL*, p. 110). Camões não se refere aos cruzados que passaram em 10 de Julho de 1217, nem ao auxílio do bispo de Évora, do abade de Alcobaça e de vários membros das Ordens do Templo e do Hospital; “Que em lança de aço torna o *bago de ouro*”: o báculo de ouro.

Ort.: *crece* (por *cresce*).

24.1-2

“Vês, vão os Reis de Córdoba e Sevilha / Rotos, cos outros dous, ...”: os outros dois “Reis” (governadores) eram o de Badajoz e o de Xaém.

25.1-8

“Olha um Mestre que dece de Castela”: D. Paio Peres Correia, português de nascimento, mestre da Ordem de Sant’Iago e sagaz político; “Vilas, castelos, toma à escala vista”: de assalto, com as escadas apoiadas nos muros; “Em vingança dos sete caçadores”: para vingar a morte de uns cristãos que em tempo de tréguas tinham ido a uma caçada. Atacados pelos Mouros, defenderam-se num palanque, mas foram todos mortos (v. Rui de Pina, *Cr. de D. Afonso III*, cap. VIII). Nos *sete* caçadores está incluído o mercador Garcia Rodrigues, que também morreu.

Ort.: *Tavila*, forma antiga (por *Tavira*).

26.1-8

“Vês, com *bélica astúcia* ao Mouro ganha / Silves, ...”: por meio de cilada. Desviando o governador de Silves para Paderne e indo por caminho desviado, foi lançar-se sobre Silves, tomando todas as portas da cidade e impedindo as forças do governador de entrarem e ele próprio (v. *Cr. cit.*, cap. IX); “Mas não passes os três que em França e Espanha”: Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes e

OS LUSÍADAS

Fernando Martins de Santarém, que em tempo de D. Afonso IV andaram como cavaleiros andantes em justas e torneios (v. Rui de Pina, *Cr. de D. Afonso IV*, caps. XIV a XVI).

Ort.: *enveja* (por *inveja*); *tornéus*, por causa da rima.

27.1-8

“Vê-los co nome vêm de *aventureiros*”: cavaleiros andantes; “... onde o *preço* sós levaram”: o prémio; “Dos jogos de Belona ...”: dos jogos da guerra; “Que pode não temer a lei Leteia”: terá ganho fama imortal.

28.1-8

“Atenta num que a fama tanto estende”: D. Nuno Álvares Pereira, de quem falou já em IV.14-46; “Não no vês, tinto de ira, que reprende”: v. IV.14-19.

29.1-8

“Olha: por seu conselho e ousadia”: trata-se da Batalha de Aljubarrota: v. IV.28-44; “Vês, por indústria, esforço e valentia, / Outro estrago ...”: refere-se à Batalha de Valverde; “Que entre o Tarteso e Guadiana habita”: na Andaluzia. *Tartessus*, cidade na foz do *Baetis* (Guadalquivir).

31.1

“Mas olha com que santa confiança”: “Leixar o negocyo da batalha na força de seu moor trabalho, e apartar-se dos sseus a orar, ssem lhe ante dizendo nenhuma cousa! ... E duvidando se lhe falaria (Ruy Gonçalvez) cobrou coração, e chegou-sse a ell. E em pocas e breves razoões lhe disse o dano que neelles faziam. E el muyto quedo revolveo o rostro, e mansamente respomdeo e disse: *Ruy Gonçalvez, amygo, ainda nom be tempo. Aguarday buum pouco e acabarey dorar.*” (*Crónica de D. João I*, 2.^a parte, cap. LVIII.)

31.5-8

“Assi Pompílio, ...”: Plutarco conta (*Numa*, XV) que Numa tinha de tal maneira posto a sua confiança em Deus que, chegando-lhe um dia a nova de uma invasão inimiga, sorriu e disse: “Pois eu, sacrifico.”

OS LUSÍADAS

32.1-7

“Se quem com tanto esforço em Deus se atreve”: se quem tanta confiança mostra em Deus; “‘Português Cipião’ chamar-se deve”: Públio Cornélio Cipião, vencedor de Aníbal em Zama, em 202 a. C. Resistiu fortemente a Aníbal mesmo quando a sua derrota parecia certa (T. Lívio, XXX.XXXI-XXXV); “Este globo de Ceres e Neptuno”: o globo terráqueo, composto de terra sólida e de água. *Aluno* é latinismo.

33.1-8

“Na mesma guerra vê que presas ganha”: acontecimentos anteriores à Batalha de Aljubarrota. Estes vêm descritos na *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. CI. Pêro Rodrigues, alcaide-mor de Alandroal, vence dois comendadores de Castela e retoma-lhes o gado roubado; “Outra vez vê que a lança em sangue banha”: v. *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. CII. Pêro Rodrigues liberta Álvaro Gonçalves Coitado das mãos dos Castelhanos.

34.1-8

“Olha este desleal o como paga”: v. *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. CVIII. Gil Fernandes pelejou com Pai Rodrigues Marinho e desbaratou-o; “De Xerez rouba o campo e quási alaga”: v. *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. CVII, “Como Gil Fernandes foi prear a Castela e do que aveo”: “E foi prear a terra de Exarez; e trouxe mui gram presa de vacas e dovelhas e de prisioneiros.”; “Mas olha Rui Pereira, que co rosto / Faz escudo às galés, ...”: *Crónica de D. João I*, 1.^a parte, cap. CXXXIII, “Como alguumas naaos de Portugall pellejaram com as de Castella, e foram tomadas tres de Portugueses, e morto o boom de Ruy Pereira”.

35.1-8

“Olha que dezessete Lusitanos”: trata-se do encontro casual de Martim Vasques da Cunha e de mais dezassete cavaleiros (um deles saiu entretanto para ir dar aviso ao arraial) com uma hoste de 400 lanças e muitos homens de pé, de Castela. Defenderam-se durante toda a noite e madrugada, com os animais à roda de si, atados uns aos outros e eles em meio e as costas uns contra os outros, “não só defendendo, mas ofendendo”. Entretanto, de manhã, chegou o socorro com o Condestável, e os Castelhanos fugiram (v. *Crónica de D. João I*, 2.^a parte, cap. CVIII).

OS LUSÍADAS

36.1-2

“Sabe-se antigamente que trezentos / Já contra mil Romanos
pelejaram”: ED cita Eutrópio. Neste combate teriam morrido 70
lusitanos, mas 320 romanos.

Ort.: *depois* (por *depois*).

37.1

“Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique”: D. Pedro viajou muito,
mas não tanto como lhe atribuiu a lenda. Esteve em Inglaterra
(1425) e na Flandres e foi festejado em Bruges com um torneio.
Esteve depois em Gante. Em época indeterminada, interna-se pela
Alemanha e toma parte na guerra do imperador Sigismundo contra
os Turcos. Esteve na Hungria e na Itália, principalmente em Ferrara
e em Roma. Em 1 de Junho de 1428 está com o papa Martinho V e
em Agosto encontra-se de visita ao rei D. João II de Castela. Depois
de visitar o rei de Navarra, regressa a Portugal.

37.4-7

“... com que a morte engane”: com que vença o esquecimento;
“Este, que ela nos mares o pubrique”: este (o infante D. Henrique)
que seja pela Fama “publicado” nos mares. Acerca dos feitos de D.
Henrique em Ceuta, v. *Crónica da Tomada de Ceuta*, de Gomes Eanes
de Zurara; “... e desengane / De Ceita a Maura tímida vaidade”: a
orgulhosa convicção da invencibilidade da terra de Ceuta.

38.1-3

“Vês o Conde Dom Pedro, ...”: após a tomada da cidade de Ceuta o
comando da praça foi confiado por D. João I a D. Pedro de
Meneses; “Vês, outro Conde ...”: filho do antecedente, D. Duarte de
Meneses, capitão de Alcácer Ceguer, tomada em 1458 por D.
Afonso V. D. Duarte morreu em 1464, salvando a vida ao rei.

39.3

“Mas falta-lhe pincel, faltão-lhe cores”: por *lhes*, em referência aos
pintores.

40-3-7

“Pela virtude...”: pelas honras; “E por deixar a casa que descende”:
que descende deles; “Escuros deixam sempre seus *menores*”: deixam

OS LUSÍADAS

na obscuridade os seus descendentes. *Menores* é latinismo.

Ort.: *antão* (por *então*); *corrutores* (por *corruptores*).

41-6-8

“Crendo que cores *vãs* ...”: falsas. “*À pintura que fala* querem mal”: a poesia.

Ort.: *contrairo* (por *contrário*).

42.2-8

“Do generoso tronco ...” de tronco nobre; “... a nobreza que *lhes* fica”: por *lhes*. Que *lhes* fica dos seus antecessores; “... acha poucos a pintura”: a mesma “pintura que fala”, a poesia.

43.1-5

“Assi está declarando os grandes feitos / O Gama, ...”: entendemos assim: o Gama assi está declarando os grandes feitos que a *vária* tinta ali mostra e que a *douta* mão do singular artista ali pinta, tão claros, tão perfeitos; “Os olhos tinha *prontos* e direitos / O Catual na história *bem distinta*”: *prontos*, atentos. *Bem distinta*, bem precisa, bem clara.

44.1-5

“Mas já a luz se mostrava duvidosa / Porque a *lâmpada grande* se escondia”: o Sol; “Levava aos *Antípodas* o dia”: neste caso os *antípodas* eram os que estavam no ponto diametralmente oposto a Calecute; “Quando o *Gentio* e a *gente generosa* / Dos Naires ...”: o *Gentio* é o Catual e a *gente generosa* é constituída pelos nobres Naires. Não esqueçamos a est. 73 do Canto VII, em que a “Naira geração, que o mar coalhava” acompanhou o Catual e Monçaide à nau capitaina.

45-1-5

“Entretanto, os *arispices* famosos”: adivinhos, religiosos de profissão, encarregados de predizer o futuro pelo exame das entranhas das vítimas; “Na *falsa opinião*, que em sacrifícios”: crendo falsamente; “... *estudiosos*”: no sentido latino de aplicados, com zelo.

46.1-5

“*Sinal* lhe mostra o Demo, *verdadeiro*”: sinal verdadeiro; “Vai-se

OS LUSÍADAS

espantado o atónito agoureiro”: atónito o arúspice pelas notícias que desentranhou das vítimas.

47.1-6

“A isto mais se ajunta que um devoto”: para evitar o anacoluto devia estar “a um devoto”; “Dos ódios concebidos *não remoto*”: não afastado; “Em forma do Profeta falso e noto / Que do filho da escrava Agar procede”: Mafamede.

Ort.: *dece* (por *desce*).

48.1-7

“E diz-lhe assi: - ‘Guardai-vos, gente minha / Do mal que se aparelha pelo imigo / ... / ...’”: do mal que vem por intermédio do inimigo; “Que pelas *águas húmidas* caminha”: *maria húmida* na *Eneida*, V.594 (ED); “Antes que *esteis* ...”: forma antiga de *estejais*; “... sonho usado”: sonho habitual. *Asinha* é arcaísmo.

49.7-8

“*De novo* são, ...”: são pela primeira vez; “... ao néscio povo humano”: ao ignorante povo humano.

50.2-8

“Ordena como em tudo se resista”: toma as providências necessárias para resistir; “... quando o Sol sai, ...”: quando o Sol nasce; “Se agudeza dos olhos ...”: latinismo: *acies oculorum* (ED); “Se raízes criar lhe não tolheis”: *lhe* refere-se a *gente* (do 1.º verso).

51-1-5

“Isto dito, *ele* e o sono se despede”: um conjuntamente com o outro. *Ele* é *Baco*; “Lavrando nele o férvido veneno”: o veneno instilado por *Baco*; “Tanto que a nova luz ao Sol precede”: a aurora.

52.1

“Diversos pareceres e contrários”: Barros resume o parecer dos principais mouros de Calecute: “Dizendo que o anno passado sobre duas naos de Mecha que tardavão em que lhe vinha fazenda, fizera pergüta a algüas pessoas que usão do officio de astrologia & doutras artes que daqui dependem: hũa das quaes pessoas que elle daria por testemunha como actor da obra, em hũ vaso d’ agoa lhe mostrara as naos perdidas, & maes outras à vela que dezia partirem de mui

OS LUSÍADAS

longe pera vir à Índia, que a gēte dellas seria total destruição dos Mouros daquellas partes. E porque em verdade ellas erão perdidas como todos sabião, pois a todos tocara esta perda: podiasse tomar suspeita do maes na vinda daquelles navios ali chegados, pois a gete delles era Christaã capital imiga de Mouros ... a cõclusão da consulta acabou que buscassem todolos modos possíveis pera sumir os nossos navios no fundo domar, & que as pessoas como ficassem em terra, hum & hum os irião gastando, com que não houvesse memoria delles nem do que tinhão descoberto.” (Barros, I.IV.IX.)

53.1-5

“Com peitas, *ouro e dádivas secretas*”: estas eram as peitas; “Dizendo que são gentes inquietas”: “O catual tanto q̃ vio tẽpo pera isso disse ao Camorij q̃ gẽralmete todolos homens do ponente q̃ estavão naquella cidade, dizião que aquelles q̃ ali eram vindos na sua propria terra vivião maes deste officio de cossaios q̃ de tracto & mercadoria: & como homens persiguidos na terra de seus naturaes se desterravão pera parte onde não fossem conhecidos.” (Barros, I.IV.IX.)

54.5

“Porque, como *estê* posto na *superna* / Cadeira, ...”: *estê*, forma antiga do verbo *estar* (o mesmo que *esteja*). *Superna* (por *superior*) é latinismo.

55.1-8

“... que tome tanto / Em grosso ...”: tão inconsideradamente; “... a consciência limpa e *certa*”: firme, segura; “Que *se enleve* num pobre e humilde *mantô*”: que se extasie num manto religioso; “Que mal co *eles* poderá *ter conta*”: *eles* são os negócios do mundo: que mal poderá interessar-se por eles; “A quieta inocência, em só Deus pronta”: a tranquila inocência só com os olhos em Deus, só a ele atenta. Camões transporta-se do mau encaminhamento dos negócios de Vasco da Gama para a má influência dos privados e conselheiros do rei D. Sebastião. Trata-se de uma alusão a Martim Gonçalves da Câmara? Não esqueçamos, no entanto, o sacerdote mouro da est. 47 e o seu papel.

56.3-6

“Induzidos das gentes infernais”: induzidos dos Mouros; “... quanto os Mouros *ordenavam*”: maquinavam.

OS LUSÍADAS

57

Ort.: *despois* (por *depois*); *someteria* (por *submeteria*).

58.2-6

“Por que ...”: para que; “Não era de espantar se s’ espantasse”: não era de admirar que se atemorizasse (na est. 59: “este temor”).

Ort.: *malina* (por *maligna*); *indina* (por *indigna*).

59.1-8

“[O Rei (est. 58) ...] Este temor lhe esfria o *baixo peito*”: anacoluto. O *baixo peito*, o ânimo indigno; “A *quem* por natureza está sujeito”: à qual (cobiça). *Quem* referia-se a pessoas e a coisas; “Que lhe comete ...”: que lhe propõe.

60.4-6

“Executa o dinheiro seus poderes”: as peitas das est. 52 e 53; “O grande Capitão chamar mandava”: “Porque tanto que o Camorij cõebeo o q lhe dezião, mādou chamar Vasco da Gamma, & disse que lhe descobrisse hũa verdade, que elle prometia de lha perdoar: por ser cousa natural aos homens buscarem cautelas & modos de sua abonação pera fazerem seu proveito, & que se andavão desterrados por algum caso elle os ajudaria em tudo. Cã segundo tinha sabido d’ algũs homens da parte da franquia donde dizião ser: elles não tinham rey, ou se o avia na sua patria, o seu officio maes era andar pelo mar darmada a maneira de cossairos que por razão de cõmercio.” (Barros, I.IV.IX); “A quem chegado disse: ...”: lhe disse depois que chegou.

61.1-5

“... que a embaxada / ... *que é fingida*”: *que* pleonástico; “Mas vagabundo *vás* ...”: *vás*, forma antiga (por *vais*); “*Que* quem da *Hespéria última alongada*”: *que* (por *pois*). Da *Hespéria última*, da Hispânia. *Alongada*, longínqua, como em “remotas”.

Ort.: *embaxada* (por *embaixada*).

62.3-8

“Que presentes me trazes valerosos”: “E el rey ã vez de lhe pedir as cartas, disselhe que ou ho mādava descobrir pedras ou homẽs, & se mādava descobrir homẽs como lhe não mandava algũa cousa: & pois a não trazia que lhe disserão q̃ tinha hũa sancta Maria douro

OS LUSÍADAS

que lha desse.” (Castanheda, I.XX); “Com peças e dões altos,...”: “peças que sirvam de dons” (ED), *hendíade*; “Se lia ...”: verbo *liar*: se liga; “Que sinal nem penhor não é bastante / As palavras dum vago navegante”: a construção lógica seria esta: as palavras de um vago navegante não são sinal nem penhor bastante. O Poeta fez a concordância não com o sujeito, mas com “sinal” ou “penhor”. FC emendou para “não são bastante”.

Ort.: *valoresos* (por *valorosos*).

63.5-7

“... ao mar usados”: habituados, afeitos; “... em toda idade”: em qualquer tempo (tudo faz).

64.7

“Que Vénus *Acidália* lhe influía”: *Acidália*, fonte da Beócia, onde se banhavam *Vénus* e as *Graças*. Virgílio chama-lhe apenas *matris Acidaliae* (E, I.720). *Vénus*, protectora dos Portugueses, inspira o discurso de Vasco da Gama.

65.1-8

“... que a malícia / Humana cometeu na *prisca* idade”: na idade antiquíssima (de que já não há recordação). *Prisca* é latinismo; “Não *causaram* que o vaso da *nequícia*”: *nequícia* está por *iniquidade*. “Vasa iniquitatis” é expressão bíblica (“Génese”, XLIX.5). Para MC representa Maomete. O mesmo (Mafona) para JMR. Para ED, o Demónio. O Poeta lembrou-se de *nequitia*. *Causaram*, tivessem causado; “*Viera* pôr perpétua *inimicícia*”: *viera*, viesse. *Inimicícia*, latinismo que significa inimizade, ódio; “Ó poderoso Rei, da torpe seita”: note-se que Vasco da Gama qualifica de “torpe” a seita de Mafoma, mesmo para os Mouros. Em III.20, para o rei de Melinde: “torpe Mauritano” e “torpe Mahometa”. Em VIII.65, para o Samorim: “torpe seita”; “Não conceberas tu ...”: não terias concebido.

66.4-6

“Que em suor vive sempre de seu peito”: que é sempre mantida pelo árduo esforço do nosso coração (a esperança); “... confiança / Desta ...”: em vez de “confiança nesta” (como em *fiducia alicujus rei*, cit. por ED).

OS LUSÍADAS

67.2-8

“Undívago ...”: errante pelos mares (lat.); “Que sofrem do Carneiro os moradores?”: signo de Áries. Refere-se aos habitantes da zona tórrida.

68.1-8

“Se com grandes presentes d’ alta estima / O crédito me pedes do que digo”: “Ao que Vasco da Gama respondeo, que se não espãtasse de lhe não trazer nada, porque não tinha certeza de ho achar, & agora que ho achara veria o q el rey seu senhor lhe mandava ...” (Castanheda, LXX); “... tanto me sublima”: tanto me engrandece; “Com que minha tornada certifico”: com que meu regresso tomarei certo. Os “dões sumptuosos” dependiam, no fim de contas, da possibilidade de Vasco da Gama regressar ao reino.

69.8

“Que creia dele tanta fortaleza”: o conceito em que o Lusitano é tido “demanda” maior crédito e fé mais alta da que revelou o Samorim: que se possa crer dele a possibilidade de ir descobrir Calecute e a Índia, sem ser como corsário.

70.8

“... que lavavam”: que os mares lavavam.

71.1-8

“Conceito dino foi do ramo claro,”: pensamento digno foi do ramo ilustre (o infante D. Henrique); “Do venturoso Rei que arou primeiro / O mar ...”: refere-se a D. João I e à conquista de Ceuta; “... por ir deitar do ninho caro / O morador de Abila *derradeiro*”: para ir expulsar os Mouros de Ceuta (ou monte Ábila). *Derradeiro*, por estar nos confins do mundo conhecido. Na estância seguinte, “os moradores *derradeiros* austrais”, e em V.5.5, “Mas nem por ser do mundo a *derradeira*” (a ilha da Madeira); “... a parte que faz clara / De Argos, da Hidra a luz, da Lebre e da Ara”: a parte que a luz da Hidra, de Argos, da Lebre e da Ara torna clara. São constelações austrais, que foi possível ver depois que os Portugueses passaram o Equador.

72.3-6

“Pouco e pouco, caminhos *estrangeiros*”: *extraneus*, de fora, do

OS LUSÍADAS

exterior; “... que nunca as *Sete Flamas* viram”: “A expressão *sete flamas* de Camões corresponde a *septem triones* e designa as sete estrelas de 2.^a grandeza da Ursa Maior, brilhantes no céu como sete clarões. O Poeta refere-se muito precisamente a esta esplêndida constelação, e não à Ursa Menor, cuja invisibilidade não era característica do extremo sul do continente africano, pois tinha já lugar 7° ao norte do trópico de Capricórnio” (LPS, *AL*, p. 122). Não confundir as *Sete Flamas* com o *Sete-Estrela* (Plêiades). Estas só deixam de ser visíveis depois de 67° de latitude sul, na zona glacial antártica.

72.8

“Quantos estão os Trópicos queimando”: e que deixam atrás quantos estão queimados com os Trópicos.

73.4

“Viemos pôr a última coluna”: *nec plus ultra*: segundo a fábula, trata-se de inscrição gravada por *Hércules* nas colunas do Calpe e de Ábila, que ele separou para ligar o Atlântico ao Mediterrâneo. Talvez o Poeta se lembrasse de *Hércules* ao escrever este verso.

73.5

“Rompendo a força do líquido estanho”: é bom não esquecer que, em latim, *stannum* é que é estanho e que *stagnum* é charco, lagoa, água estagnada, toalha de água (de *stagnō, as*). Os Romanos pronunciavam *stagnum*, donde o francês *étang* (Bréal e Bailly). Ov., *M*, I.48, fala em “charcos imensos” (*stagna immensa*), Virgílio, “abrindo um caminho nas águas” (*stagna viam scindens*), e Ov., *P*, para designar o Helesponto, “as águas da irmã de Frixo” (Hele) (*Phrixiae stagna sororis*). Embora o Poeta não seja hostil aos pleonasmos, é estranho o seu “líquido estanho”. Mas não seria impossível que o Poeta, que conheceu as colorações do mar alto, se lembrasse do *estanho*, metal.

74.1-7

“Esta é a verdade, Rei; ...”: admire-se a simplicidade e sobriedade deste final. O Poeta diz que se não fosse verdade o que ele dizia não faria tão longo, fingido e vão discurso para alcançar a segurança que o Samorim lhe prometia. Tê-la-ia logo aceitado como fraco prémio; “No nunca descansado e fero grémio / Da madre *Tétis*, qual pirata inico”: nos mares encapelados que a deusa *Tétis* governa, feito pirata

OS LUSÍADAS

injusto e cruel. V. *descansar* (v. 5) e *nunca descansado* (v. 6).
Ort.: *inico* (por *iníquo*).

75.2-4

“... sincera e não dobrada”: e não fingida. *Palavras dobradas*, palavras fingidas; “Não me impidas o gosto da *tornada*”: *tornada* em VIII.68.8. São estes os dois lugares em que empregou esta palavra.
Ort.: *impidas*, forma antiga (por *impeças*).

76.1-8

“A tento estava o Rei na segurança”: “Mui atêto esteve o Camorij a todas estas palavras de Vasco da Gamma oulhando muito a continencia com que as dizia: como homem que do fervor & constancia que lhe visse, queria conjecturar a verdade dellas” (Barros, I.IV.IX); “Concebe dele ...”: deste (Vasco da Gama); “Crédito firme, *em quanto proferia*”: em (tudo) quanto proferia; “Pondera das palavras a *abastança*”: suficiêcia franca; “Os Catuais corrutos, mal julgados”: mal avaliados por ele.
Ort.: *corrutos* (por *corruptos*).

77.3-5

“... e ter respeito / *Co Capitão, ...*”: ao capitão; “Enfim ao Gama manda que direito / Às naus se vá ...”: “El Rey crendo mais o que lhe ele dizia, que o que lhe os mouros tinham dito, disselhe q fosse embora, & que levasse os seus consigo que não era necessário ficar nenhu em terra, & que trouvesse sua mercadoria, & que a vendesse ho melhor que podesse.” (Castanheda, I.XX.)

78.1-7

“Que *mande* da fazenda, enfim, lhe *manda*”: lhe ordena; “... pera onde peça / Ao Catual que dele tinha cargo”: que estava encarregado dele, capitão.

79.2-7

“Mas o mau Regedor, ...”: o Catual. V. em Castanheda, I.XXI, bastante elucidativo; “... por que o arrede / ... / Onde, ...”: para que o arrede ... de tal modo que.

80.3-7

“Ou que pera a *luz crástina* do dia / Futuro, ...”: aqui há uma espécie

OS LUSÍADAS

de pleonasma: luz *crástina* é a luz do dia seguinte. Equivale a “para a manhã do dia futuro”; “... que o Gentio *consentisse* / Na má tenção ...”: que o Gentio consentia no mau propósito dos Mouros - má, torpe e fera.

81-2-8

“Corrutos pela *Maumetana* gente”: escreve-se *Maumetana*, como na edição *princeps*, por causa da medida do verso; “... por quem se governavam”: por quem eram governadas; “Dele sòmente ...”: sòmente dele; “De suas esperanças não delira”: não desvaria, ou tresvaria.

Ort.: *corrutos* (por *corruptos*).

82.3-5

“E que assi lho mandara, ...”: *lhe* (ao Catual); “O nobre sucessor de Perimal”: o Samorim; “... e lhe difere”: e lhe retarda.

83.5

“... o ferro *bruto*”: cruel. É muito frequente em Camões o uso de “bruto”: “*bruta* gente”, “*bruto* lago”, “*bruta* crueza”, “povo *bruto*” e, até, “alegria *bruta*”. O sentido não é o mesmo nestes exemplos.

Ort.: *sutil* (por *subtil*); *avorrecido* (por *aborrecido*).

84.2-6

“O conselho infernal dos Maumetanos”: equivale às “gentes infernais” de VIII.56.3; “Por que ...”: para que; “A terra *Eoa* ...”: *Eos* é a *Aurora*. A terra *Eoa* é a terra oriental; “O Regedor dos Bárbaros *profanos*”: no sentido latino de *ímpios*.

85.2-6

“... que mandasse / Chegar à terra as naus ...”: “Etanto q̃ tornou logo lhe Vasco da Gama pedido almadias pera se ir: & ele lhe disse que mandasse chegar mais pera terra os navios, & que êtão se iria: do que se ele agastou muyto, parecendolhe que lhe dizia, pera com a muyta gente que tinha, lhe ir tomar os navios em almadias: & por isso não quis.” (Castanheda, I.XXI); “Que lá tão longe a frota *se alargasse*”: ficasse ao largo, a distância.

86.7

“... a quanto mal *se lhe ordenava*”: se lhe aparelhava.

OS LUSÍADAS

87.1-2

“Qual o reflexo lume do polido / Espelho ...”: quer-se ver nesta estância sugestão dos seguintes versos da *Eneida*:

*sicut aquae tremulus labris ubi lumen aënis
sole repercussum aut radiantis imagine lunae
omnia pervolitat late loca iamque sub auras
erigitur summi que ferit laquearia tecti.*

(VIII.22-25)

Ort.: *fermoso* (por *formoso*); *ouciosa* (por *ociosa*).

88.2

“... quando lhe lembrara”: quando lhe lembrou.

89.7

“Crer tudo, enfim; ...”: pensar em tudo.

90.3

“Ele, *constante* e de ira nobre aceso”: com constância de ânimo.

91.2-5

“E parte do outro dia, *quando ordena*”: quando determina; “Comete-lhe o Gentio ...”: propõe-lhe.

92.7

“... porque sabe por verdade”: de certeza.

93-1-2

“*Concertam-se* que o Negro mande dar”: combinam entre si. O Negro é o Catual; “Embarcações idóneas com que venha”: com que a fazenda venha.

94.2-3

“A agasalhou ...”: a arrecadou; “Co ela ficam Álvaro e Diogo”: Diogo Dias ficou por feitor e Álvaro de Braga por seu escrivão.

OS LUSÍADAS

95.3-6

“Interesse maior do que lhe vinha”: do que lhe viria; *por que* não pudesse”: para que.

96.3-8

“... já do cobiçoso / Regedor, corrompido e pouco nobre”: regedor cobiçoso, corrompido e pouco nobre; “Pode o vil interesse e sede *imiga* / Do dinheiro, ...”: a sede nociva porque insaciável. Seguem-se três exemplos do que é o vil interesse e a sede insaciável do dinheiro.

97.1-5

“A Polidoro mata o rei Treício”: *Priamo*, rei de Tróia, confiou seu filho *Polidoro* a *Polimnestor*, rei da Trácia (o rei Treício). Depois da queda de Tróia, *Polimnestor*, para se apoderar do oiro, que teria vindo com o filho de *Priamo*, matou *Polidoro* e atirou com o cadáver dele ao mar (v. V, E, III.49-56); “Entra, pelo fortíssimo edifício”: *Acrísio*, pai de *Dánae*, encerrou sua filha numa torre de bronze (*Apollodoro*, *Biblioteca*, II.IV, diz: “numa câmara subterrânea de bronze”) para impedir o cumprimento da profecia de que seria morto pelo filho que dela nascesse. Mas *Júpiter* entrou na torre sob a forma de uma chuva de oiro e tornou *Dánae* mãe de *Persen*, que mais tarde veio a matar *Acrísio*; “Pode tanto em Tarpeia avaro vício”: Tarpeia, filha de *Spurius Tarpeius*, entregou a cidadela de Roma (o Capitólio) aos Sabinos sob promessa de eles lhe darem o que traziam no braço esquerdo (o bracelete de oiro). Tácio, rei dos Sabinos, consentiu, mas, ao entrar na cidadela, atirou-lhe não só o bracelete, mas o escudo que tinha no mesmo braço. Os soldados fizeram o mesmo e Tarpeia ficou esmagada (T. Lívio, I.XI).

98.1-3

“Este rende *munidas* fortalezas”: o oiro faz render fortalezas bem fortificados. *Munidas* é latinismo; “Faz *trédoros* e falsos os amigos”: *trédoros*, tredos, traidores; “Este a mais nobres ...”: aos mais nobres.

99.7

“Que corrompe este encantador,...”: o oiro. É vaga reminiscência da *Eneida*, VI.621.624. Uma ode de Horácio refere-se ao episódio de *Dánae* e ao poder do oiro (III.16).